

Sobre a necropolítica em Achille Mbembe: da colônia à pandemia

Marco Antônio Sousa Alves¹

RESUMO: Este artigo pretende analisar a noção de necropolítica, tal como concebida por Achille Mbembe, a partir da perspectiva da filosofia política, destacando a relação com a biopolítica pensada por Michel Foucault. Ressaltaremos o papel da colonização e do racismo na conformação dessa forma moderna de terror que podemos chamar de necropolítica. A reflexão será dirigida, também, para a atualidade da necropolítica, apontando para algumas características da emergente sociedade da inimizade. Defenderemos, por fim, que o Brasil vive, contemporaneamente, no enfrentamento da pandemia de Covid-19, mais uma experiência que pode, sob vários aspectos, ser definida como necropolítica.

PALAVRAS-CHAVE: Necropolítica; Biopolítica; Sociedade da Inimizade; Achille Mbembe; Michel Foucault.

Introdução

Em 2003, o historiador, politólogo e filósofo camaronês Achille Mbembe introduziu a noção de *necropolítica* em um provocador ensaio, que teve sua tradução para o português publicada em uma revista em 2016 e ganhou, em 2018, a forma de um pequeno livro no Brasil (Mbembe, 2003, 2016a, 2018a). Os trabalhos posteriores de Mbembe, especialmente *Sair da grande noite*², *Crítica da razão*

1. Professor Adjunto de Teoria e Filosofia do Direito da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD/UFMG). Doutor em Filosofia pela UFMG, com estágio de pesquisa doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Coordenador do Grupo Filosofia, Direito, Poder (GFDP). Contato: marcofilosofia@ufmg.br.

2. *Sortir de la grande nuit* foi originalmente publicado em 2010 e recebeu uma tradução portuguesa/ angolana em 2014 e uma brasileira em 2019 (Mbembe, 2010, 2014, 2019a).

*negra*³, *Políticas da inimizade*⁴ e *Brutalismo*⁵, ofereceram um aprofundamento maior da questão e um desenvolvimento em diferentes domínios. Podemos dizer que Mbembe conquistou, com grande mérito, seu lugar ao sol, tornando-se indispensável para pensarmos criticamente o nosso tempo.

É possível detectar no pensamento de Mbembe pelo menos quatro grandes influências, vindas de campos diferentes. Em primeiro lugar, seu trabalho bebe muito da pesquisa histórica sobre a experiência colonial, incluindo a escravidão moderna. Em segundo lugar, verificamos uma rica interlocução com a filosofia política contemporânea, abordando temas como a biopolítica, o estado de exceção, a transgressão e a luta antirracista e anticolonial a partir de autores como Michel Foucault, Carl Schmitt, Georges Bataille e Franz Fanon. Em terceiro lugar, Mbembe é fortemente influenciado pela psicanálise, explorando temas como o desejo do inimigo, a falocracia, a inveja do harém, a pulsão de ejaculação e o pânico genital. Em quarto lugar, questões teológicas também possuem um lugar de destaque no pensamento do camaronês, com destaque para temas como a salvação, o sacrifício, a catástrofe, a redenção e a ressurreição, especialmente a partir da tradição cristã e de concepções metafísicas africanas.

Quanto aos temas enfrentados, Mbembe oferece contribuições em diferentes domínios. A leitura de sua obra ajuda a pensar questões como a produção da raça, a importância da memória e de reparação histórica, os efeitos psíquicos da violência colonial e racial, as novas formas assumidas pelo terror na contemporaneidade, a emergência do regime tecnocrônico, o neoliberalismo e as novas formas de extração assumidas pelo capitalismo, a combustão do planeta, a disseminação atual dos microfascismos, a crítica às políticas identitárias, dentre muitas outras. Neste artigo, nosso olhar será voltado para um tema

3. *Critique de la raison nègre* foi publicado originalmente em 2013 e teve uma edição brasileira em 2018 (Mbembe, 2013, 2018b).

4. *Politiques de l'inimicitie* foi publicado originalmente na França em 2016 e recebeu versões diferentes em outros países. A versão publicada em Portugal em 2018 incluiu, entre seus capítulos, o ensaio intitulado *Necropolítica*. O mesmo aconteceu com a versão publicada nos Estados Unidos em 2017, que inclusive veio a público com o título de *Necropolitics* (o que pode gerar confusão com o livro que foi publicado no Brasil com esse título em 2018, mas que é uma tradução apenas do ensaio originalmente publicado com esse título em 2003). Por fim, em 2020, uma edição brasileira foi publicada, seguindo o formato da versão francesa original, sem o ensaio *Necropolítica* que tinha vindo a público separadamente alguns anos antes no Brasil pela mesma editora (Mbembe, 2016b, 2017, 2019b, 2020a).

5. *Brutalisme* foi publicado originalmente na França em 2020 e ainda não dispõe de uma tradução para o português (Mbembe, 2020b). Uma resenha desse livro foi escrita recentemente por mim para o *Jornal de Resenhas* (Alves, 2021b).

específico, a necropolítica, a partir de uma perspectiva bem limitada, qual seja, a interlocução com a filosofia política.

Com o advento da pandemia de Covid-19 em 2020, a noção de necropolítica despertou ainda mais interesse, especialmente no Brasil, que vive uma das situações mais dramáticas nesse momento, contando milhares de mortes todos os dias. Nesse contexto, a ideia de um Estado assassino, que produz ativamente a morte como uma tática de governo, atraiu a atenção e conquistou lugar de destaque no pensamento político.

Este artigo pretende explorar as raízes dessa noção. Afinal, de onde vem e qual o significado da necropolítica? Em um primeiro momento, o foco deste estudo recairá sobre a influência recebida de Michel Foucault e, especialmente, da sua concepção de *biopolítica*. Em seguida, a análise será voltada para o papel da colonização na conformação dessa forma moderna de terror que podemos chamar de necropolítica. Por fim, a reflexão será dirigida para a atualidade da necropolítica, tomada como um instrumento que pode contribuir para pensar-mos criticamente o nosso tempo.

1. Da biopolítica à necropolítica

Achille Mbembe inicia o seu ensaio intitulado *Necropolítica* fazendo referência à noção de biopolítica em Foucault, entendida como “aquele domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle” (Mbembe, 2018a, p. 5-6). Convém, em um primeiro momento, relembrar os pontos principais das lições de Foucault sobre o tema⁶.

A noção de biopolítica é desenvolvida por Foucault na segunda metade da década de 1970, no seio do projeto de uma análise do poder, visando a nomear uma transformação significativa do político, na qual o poder soberano é reformulado e fenômenos próprios à vida da espécie humana entraram no campo das técnicas políticas. Caberia aos mecanismos biopolíticos a regulação dos fe-

6. A noção de biopolítica aparece de formas variadas no pensamento de Foucault, desenvolvida em contextos diferentes e com aplicações distintas entre 1974 e 1979, especialmente no capítulo final do primeiro volume da *História da sexualidade: a vontade de saber* (1976/2009) e nos cursos proferidos no Collège de France em 1976, 1978 e 1979, intitulados, respectivamente, *Em defesa da sociedade, Segurança, território, população, e Nascimento da biopolítica* (Foucault, 2005, 2008a, 2008b). Serão retomados aqui apenas alguns aspectos mais gerais do pensamento de Foucault sobre o tema. Em outro trabalho recente, desenvolvo um estudo mais detalhado do modo como Foucault compreende a biopolítica (Alves, 2021a).

nômenos vitais de uma população por meio de medidas incitativas, preventivas e corretivas. Seu objetivo seria administrar, desenvolver, cultivar e controlar a vida.

Na visão de Foucault, observa-se, a partir do final do século XVIII, uma extensão do campo da política no sentido de capturar a vida, tomada em termos biológicos, submetendo-a ao domínio dos cálculos e da gestão. A vida é, então, politizada, objeto incessante de investimento, controle e transformação. Foucault enfatiza como a política invade a vida e uma luta é instaurada na própria definição do que será tomado por “natural”. A conformação do humano assume, nesse contexto, uma função seletiva, que inclui uns e exclui outros, operando a distinção entre o que é digno ou não de viver.

Um aspecto importante da reflexão de Foucault sobre o tema, que ganha destaque na última aula do curso *Em defesa da sociedade*, proferida em 17 de março de 1976, está na relação traçada entre os mecanismos biopolíticos e o racismo moderno (Foucault, 2005, p. 285-315). O filósofo francês destaca a emergência, no final do século XIX, de um “racismo de Estado”, entendido como um racismo interno, que a sociedade exerce sobre ela mesma, em nome de um projeto permanente de purificação e normalização social. Nessa luta, supostamente em defesa da sociedade, justifica-se a morte do outro considerado perigoso, inferior, anormal ou impuro. É o princípio do racismo que permite traçar uma linha divisória e conformar a figura de um inimigo existencial, aquele que é preciso eliminar para que a “boa sociedade” viva e floresça. Assim, o racismo permite reativar o velho poder soberano de matar no âmbito de uma sociedade de normalização, atravessada por dispositivos disciplinares e biopolíticos.

Cerca de 30 anos mais tarde, a reflexão de Achille Mbembe sobre a necropolítica retoma as lições de Foucault e dá prosseguimento ao projeto de uma analítica do poder, ou seja, ao esforço de descrição dos modos como o poder funciona. Ainda no início de seu ensaio, logo após mencionar a contribuição de Foucault, o pensador camaronês se pergunta: “Mas sobre quais condições práticas se exerce o poder de matar, deixar viver ou expor à morte?” (Mbembe, 2018a, p. 6). A visão que orienta o ensaio é de que a noção foucaultiana de biopolítica, embora ofereça um quadro interessante para pensarmos as formas contemporâneas de funcionamento do poder, mostra-se insuficiente para entender como, por meio da guerra, uma ordem que tem por objetivo primeiro e absoluto o assassinato do inimigo foi instaurada. Em suma, considerando a política como uma forma de guerra, uma continuação da mesma por outros meios (para fazer referência à inversão da máxima de Clausewitz, proposta por Foucault no curso de 1976 no Collège de France), o objetivo de Mbembe é refletir sobre o lugar dado à vida e à morte.

Esse objetivo é explicitado na conclusão do ensaio, quando o pensador camaronês deixa claro também a sua pretensão de ir além da noção foucaultiana de biopolítica, destacando seu funcionamento propriamente negativo, ou seja, como um poder de morte:

Neste ensaio, propus que as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder de morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”. (Mbembe, 2018a, p. 71)

Podemos dizer, então, que Mbembe caminha da biopolítica para a necropolítica com a intenção de captar de maneira mais adequada a dimensão negativa de um regime de poder que privilegia a morte, inclusive o genocídio de populações inteiras, sobre a produção e o controle da vida. Não que essa dimensão estivesse ausente da análise empreendida por Foucault. Mas ela tende a ganhar, no seio da necropolítica, uma centralidade maior. Além disso, como veremos a seguir, Mbembe vai explorar mais a colonização como o grande laboratório da necropolítica, seguindo, também nesse ponto, uma observação feita rapidamente por Foucault no curso de 1976⁷. O filósofo francês privilegiou, contudo, na ocasião, a análise do nazismo e do stalinismo, vistos como Estados biopolíticos que levaram ao paroxismo o controle da vida, assumindo uma dinâmica assassina e suicidária.

2. A guerra colonial e os mundos de morte

A colonização é o grande objeto das investigações de Achille Mbembe, que sempre ressalta sua importância e dimensão para se compreender a história moderna e contemporânea. Trata-se de um fenômeno de escala planetária que

7. Segundo Foucault (2005, p. 307): “O racismo vai se desenvolver *primo* com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador. Quando for preciso matar pessoas, matar populações, matar civilizações, como se poderá fazê-lo, se se funcionar no modo do biopoder? Através dos temas do evolucionismo, mediante um racismo”.

provocou o deslocamento de grande parcela da população mundial. A nova distribuição da Terra promovida pela colonização, segundo Mbembe, baseou-se em uma cisão da humanidade, um princípio racista, que distinguiu os povos supostamente evoluídos e civilizados daqueles considerados inferiores e selvagens. Para o pensador camaronês, a colônia foi também um grande laboratório, no qual foi ensaiado um regime novo de poder: a necropolítica. Assim, juntamente com a escravidão moderna, a colonização serviu para testar uma política inédita de terror e extermínio, que foi depois transportada para o coração da Europa com o Estado Nazista.

Essa é uma tese forte e polêmica insistentemente repetida pelo pensador camaronês: a política colonial do terror abriu caminho para o campo de concentração e para as ideologias genocidas da Segunda Guerra Mundial (Mbembe, 2018a, p. 32; 2020a, p. 49). Foi na colônia que se conformou a necropolítica, um regime de poder baseado na crença de que, para se viver em paz, é preciso travar uma guerra sem fim. A eliminação de populações inteiras entra, assim, no cálculo biopolítico, como uma necessidade para a preservação da “raça pura” e da “boa sociedade”, justificando uma política sistemática de extermínio, que pode ocorrer por meio de execuções a céu aberto ou de matanças invisíveis.

Com mais ênfase e, também, com muito mais propriedade que Foucault, Mbembe (2018a, p. 17-18; 2018b, p. 70; 2020a, p. 69) ressaltará a dimensão propriamente racista desse poder de morte. De certa maneira, ele dá continuidade à compreensão do racismo como um princípio de separação que instaura um Estado guerreiro, envolto em uma luta de purificação permanente. Reconhece-se que o racismo, apesar de ser algo antigo, assentado em velhos mitos de superioridade, ganha um contorno novo na modernidade (Foucault, 2005, p. 304). Mbembe destacará o papel da noção de *raça* naquilo que ele nomeia de “políticas da inimizade”. A raça é vista como algo da ordem da fabulação, uma produção que atua no nível afetivo e inconsciente, como uma fobia, uma obsessão, um medo de um outro hostil, perigoso e ameaçador. É por meio desse tipo de construção, do outro racializado, e da manipulação do temor em relação a esse inimigo existencial, biológico, que a guerra e o extermínio encontrarão sua justificativa (Mbembe, 2018b, p. 147).

Para além de Foucault, Mbembe relaciona em seu ensaio a noção de biopolítica com o estado de exceção. Apoiando-se em Carl Schmitt, na ideia de que o soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção, o pensador camaronês defende que a necropolítica faz apelo a uma noção ficcional de inimigo em termos ontológicos (Mbembe, 2018a, p. 33; 2020a, p. 85-86). Segundo Mbembe

(2018a, p. 35), “as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da ‘civilização’”. Mais do que um inimigo político, contudo, trata-se de um inimigo propriamente biológico, um outro radical que escapa ao próprio domínio do humano. Radicalizando a concepção de Schmitt, a sociedade da inimizade pensada por Mbembe rompe com a aceitação de uma humanidade em comum e, por meio do racismo, introduz um corte ainda mais profundo e irreconciliável entre seres essencialmente distintos (Mbembe, 2020a, p. 50-51).

Assim, a própria natureza dessa disputa é alterada. Foucault (2005, p. 307-308) já apontava para a emergência de uma nova guerra, muito mais letal, que não se volta mais contra adversários políticos, mas sim contra uma raça adversa e contra o perigo biológico que ela representa. Nos termos de Foucault, estaríamos diante de uma “extrapolação biológica do tema do inimigo político” (p. 308). Contra esse tipo de inimigo, não se empreende uma guerra nos termos tradicionais do termo. Não estamos diante de um inimigo reconhecido como humano. Mais do que uma guerra, esse conflito assume a forma de um puro massacre. Essa teria sido a dinâmica das guerras coloniais, segundo Mbembe (2018a, p. 34-37). A guerra contra os indígenas americanos ou contra os negros africanos era vista como um avanço da civilização, a vitória da raça superior. Não se trata de uma guerra entre nações e exércitos, mas um massacre, a mera expressão de uma hostilidade absoluta.

Essa é a base da necropolítica: uma guerra interna, contra inimigos naturais, biológicos, essenciais, que pode assumir a forma do terror, do genocídio dos “selvagens”, do massacre do outro inumano, da faxina étnica e da eliminação de populações inteiras. Na visão de Mbembe, a biopolítica seria insuficiente para dar conta dessa formação política e social específica, de tamanha subjugação da vida ao poder de morte. Daí a necessidade de cunhar uma nova noção valendo-se do prefixo grego *necro*, que acentua a produção não da vida, mas sim da morte, de cadáveres.

3. Necropolíticas contemporâneas

Longe de ser uma experiência circunscrita à colonização, ou ao Estado Nazista, Mbembe argumenta que vivemos em um mundo cada vez mais propenso ao racismo e à necropolítica. No ensaio, Mbembe (2018a, p. 38-49) analisa os casos da Palestina e da África pós-colonial. Mas esse regime tende a alastrar-se pelo

mundo, abarcando outras condições subalternizadas, submetendo ao poder de morte todos aqueles que são vistos como indesejáveis, inúteis, descartáveis. Vemos emergir formas variadas de discriminações, hierarquias e assimetrias, uma espécie de racismo sem raça, que pode incidir sobre os imigrantes ou os pobres periféricos em geral (Mbembe, 2018b, p. 21-22). O pensador camaronês nomeia esse processo de “devir-negro do mundo”, no sentido de uma universalização contemporânea da condição do negro escravizado e tornado corpo de extração no seio da empresa colonial (Mbembe, 2018b, p. 20, 42; 2020b, p. 13).

Longe de ser uma mancha que marcou o nosso passado e foi enfim superada, o racismo é visto por Mbembe como algo que tem não apenas um passado, mas também um futuro. O século XXI seria, em sua visão, marcado pelo retorno do racismo como ideologia e tecnologia de governo. Junto com a lógica da raça vêm os dispositivos securitários e uma nova economia política do vivo (Mbembe, 2018b, p. 49-50; 2020a, p. 93). Um novo regime tecnocrático também emerge, baseado em uma vigilância em massa ainda mais abrangente e meticulosa do que aquela presente no modelo panóptico (Mbembe, 2018b, p. 53). Assistimos ao triunfo de uma moralidade de massas, ao aparecimento de “hordas virtuais” que são excitadas por estímulos excessivos (exageros, repetições) e movidas por fantasias primárias (Mbembe, 2020a, p. 89-96). Entramos, desse modo, em um círculo alucinatório que é marcado pelo desejo de inimigo, pela fantasia de extermínio, de separações e de enclaves purificados.

Esses elementos conformam, na visão de Mbembe (2020a, p. 90), um contexto propício a ações radicais e sacrificiais, a cruzadas morais que podem conduzir a estados de terror ou a grandes catástrofes humanitárias. Nas palavras do pensador camaronês:

O nosso tempo está de fato longe de se orientar pela razão, e não é certo que volte a fazê-lo, pelo menos no curto prazo. A reboque da demanda por mistérios e do retorno do espírito das cruzadas, ele se mostra mais inclinado às disposições paranoicas, à violência histórica, aos procedimentos de aniquilação de todos aqueles que a democracia converteu em inimigos do Estado. (Mbembe, 2020a, p. 73)

Mbembe detecta a emergência de um novo estado de guerra, contra novos inimigos, que caminha para um processo que ele nomeia de saída ou inversão da democracia liberal, em direção a “sociedades da inimizade”. O ódio ao inimigo e a necessidade de evitar o perigo são, para Mbembe (2020a, p. 88), “as derradeiras expressões da política no espírito contemporâneo”. Novas segregações e novos

afastamentos são impostos. A nossa época, para Mbembe (2020a, p. 76), “se define pela separação, pelos movimentos de ódio, pela hostilidade e, acima de tudo, pela luta contra o inimigo”. Vivemos, assim, uma espécie de retrocesso mundial à relação colonial, de guerra contra um inimigo por natureza, sem humanidade.

A sociedade que estamos construindo é claramente um mundo para poucos. Uma sociedade sem partilha, sem desejo de construir algo junto, em comum. Uma sociedade marcada pela lógica do curral, do cercamento, da neutralização dos perigos da “raça” por meio da imobilização, do encarceramento, da deportação e da morte (Mbembe, 2020a, p. 39). Como resume Mbembe (2020a, p. 69): “Talvez mais até do que pela diferença, nossa época seja definida, portanto, pelo fantasma da separação e do extermínio. Ela se pauta pelo que não se agrega, pelo que de modo nenhum se reúne, pelo que não se está disposto a compartilhar”.

Considerações finais: necropolítica e pandemia no Brasil

Em um texto escrito logo no início da pandemia de Covid-19, publicado originalmente no site AOC Media (*Analyse Opinion Critique*) em 6 de abril de 2020, rapidamente traduzido para o português e divulgado no site da n-1 edições, o pensador camaronês destacou a emergência de um novo mundo de morte, clamando pelo direito universal à respiração, ou seja, à existência na Terra. Nesse curto texto, Mbembe (2020c, n.p.) expressa seu temor de o mundo entrar em um novo período de tensão e brutalidade: “O horizonte, visivelmente, está cada vez mais sombrio. Presa em um cerco de injustiça e desigualdade, boa parte da humanidade está ameaçada pela grande asfixia”.

Infelizmente, o temor de Mbembe parece justificado. O presente texto, que nasceu de uma apresentação feita na Sociedade Brasileira da Psicanálise do Rio de Janeiro em 4 de março de 2021 e recebeu sua versão final, para fins de publicação nesta Revista, no início de maio de 2021, portanto mais de um ano depois do ensaio do pensador camaronês mencionado acima, constata com pesar que o Brasil parece realizar o cenário mais sombrio imaginado, preso a um “cerco de injustiça e desigualdade”, caminhando para a “grande asfixia”.

Não é de se estranhar que muitos se interessem pela noção de necropolítica contemporaneamente, especialmente no Brasil⁸. Aqui assistimos, de

8. Nesse sentido, Safatle, 2020a, 2020b; Bensusan, 2020; Jourdan, 2020; Alves, 2020.

maneira dramática, a uma escalada de ódios e separações. Discursos racistas, cada vez menos velados, ganham a cena pública. Muitos fantasiam, de maneira cada vez mais ostensiva, com a eliminação do outro, visto como um resto incômodo, indesejável e ameaçador. Uma guerra permanente de purificação é travada, em nome de variados conservadorismos sociais, misturando mitos de superioridade, patriotismo e fundamentalismo religioso.

O modo como o governo brasileiro tem enfrentado a pandemia de Covid-19 pode, em vários aspectos, ser descrito como uma experiência necropolítica. De fato, tanto no discurso como na prática, nosso presidente tem insistentemente minimizado a gravidade da situação, mesmo após o país ultrapassar as 400 mil mortes e tornar-se o epicentro mundial da doença. O foco de seu discurso foi sempre a manutenção da economia, como se devêssemos colocar nossa vida em risco pelo bem do país e para cumprirmos nosso papel patriótico. Não é difícil ver naquilo que vivenciamos hoje no Brasil a produção de um “mundo de morte”. Nesse sentido, cito o diagnóstico traçado por Bensusan:

Bolsonaro é o nome do acontecimento da necropolítica triunfante no Brasil. [...] Oriundo dos agentes necrocratas brasileiros – mandantes dos assassinatos e mandatários dos salvo-condutos históricos de um Estado sempre necróide e distribuidor de cidadania para poucos – ele aparece como a fusão do Estado e da máfia [...]. Coincidido com a pandemia, ele traz a necropolítica da periferia para o centro, da cozinha para a sala, da margem para o holofote. [...] Não é mais preciso fingir que a *plantation* é uma república. (Bensusan, 2020, n.p.)

Convém lembrar que a necropolítica é uma política não apenas assassina, mas também suicidária. Foucault (2005, p. 311) já apontava para esse fenômeno na análise do Estado Nazista, visto como absolutamente racista, assassino e suicidário. O Estado necropolítico provoca a morte do outro considerado indesejado, por exemplo, o negro periférico no Brasil, mas também convida aquele que é visto como o “cidadão de bem” a realizar atos sacrificiais, em nome da economia e do bem da Nação. Uma lógica guerreira é claramente ativada, em sua dupla dimensão: eliminar os inimigos e expor sua própria vida à morte.

A necropolítica favorece também a disseminação da violência, enfraquecendo o monopólio do uso legítimo da força por parte do Estado e aumentando a circulação de armas no seio da sociedade, de modo a permitir e fomentar a atuação de atores privados, como grupos milicianos e paramilitares. Mbembe (2018a, p. 53-58) enfatiza, em seu ensaio sobre a necropolítica, a estratégia das

máquinas de guerra na África pós-colonial, com formações milicianas. No Brasil, assistimos a um fenômeno similar em curso, caminhando para a instauração de um Estado de terror.

Uma das características da necropolítica é a produção da morte em larga escala. Essas mortes são, em grande medida, produzidas intencionalmente, vistas como necessárias para a obtenção de um objetivo maior. Mais um motivo para vermos no Brasil hoje um exemplo de Estado necropolítico, que produz o genocídio de centenas de milhares de pessoas. O discurso do “mimimi” é uma ilustração disso: é preciso coragem para enfrentar a guerra, em nome da Pátria e da Economia.

Na base da experiência necropolítica em curso no Brasil, encontramos um projeto neoliberal que tem em vista um mundo para poucos. Muitos estão excluídos e são vistos como indesejáveis nesse projeto de construção social. Especialmente os mais idosos. Recentemente, nosso ministro da economia expressou com clareza e grande perversidade esse projeto, destacando as vantagens econômicas de uma população que morre cedo e não aumenta o custo previdenciário. Como muitos outros grupos sociais, também eles se tornam indesejáveis, um resto a ser controlado e, se possível, eliminado. Um custo e um entrave para o crescimento e para o avanço da Nação. Há, no fundo, uma fantasia de limpeza. Mesmo quando mal dirigida, ou seja, mesmo quando essa faxina atinge aqueles que são vistos como “cidadãos de bem”, ela é vantajosa nos termos dos cálculos meramente neoliberais. É como se fosse o preço a ser pago para vencer a guerra: alguns soldados acabam sendo sacrificados.

Em suma, a necropolítica é uma política de morte, contra um inimigo interno, contra a outra “raça” ameaçadora e indesejável. Além disso, trata-se de um regime de poder que convida todos a assumirem a posição de combatentes dispostos a dar sua vida pela grande causa. Nesse ponto, é possível perceber no bolsonarismo, entendido como movimento político mais amplo, que ultrapassa as ações propriamente governamentais, uma clara dimensão messiânica, guerreira e sacrificial.

“O Brasil não pode parar”, diz o *slogan*. E devemos estar dispostos a matar, a deixar morrer e a dar nossa própria vida em sacrifício para podermos sobreviver e prosperar como Nação. Continuamos produzindo inimigos e reativando a lógica da guerra permanente de purificação e normalização, em nome dos conservadorismos sociais. Como ressalta Safatle (2020a, n.p.): “A história do Brasil é o uso contínuo desta lógica. [...] A população é apenas o suprimento descartável para que o processo de acumulação e concentração não pare sob hipótese alguma”.

Reativamos incessantemente o mecanismo necropolítico, que já ensaiamos há séculos nesse país, contra os indígenas, contra os negros escravizados, contra a população periférica. Da colônia à pandemia, o Brasil permanece, em grande medida, atado a fantasias racistas, assassinas e suicidárias. A novidade é que, agora, a necropolítica adquiriu por aqui uma forma triunfante. Longe de enrubescer, o brasileiro exibe com orgulho, como um ato de coragem e patriotismo, o seu novo genocídio.

ABSTRACT: *This article intends to analyze the notion of necropolitics, as conceived by Achille Mbembe, from the perspective of political philosophy, highlighting the relationship with biopolitics thought by Michel Foucault. We will emphasize the role of colonization and racism in shaping this modern form of terror that we can call necropolitics. The reflection will also be directed to the present day of the necropolitics, pointing to some characteristics of the emerging society of enmity. Finally, we will argue that Brazil is currently living in the face of the Covid-19 pandemic, another experience that can, in many ways, be defined as necropolitics.*

KEYWORDS: *Necropolitics; Biopolitics; Enemy Society; Achille Mbembe; Michel Foucault.*

RESUMEN: *Este artículo pretende analizar la noción de necropolítica, tal como la concibe Achille Mbembe, desde la perspectiva de la filosofía política, destacando la relación con la biopolítica pensada por Michel Foucault. Enfatizaremos el papel de la colonización y el racismo en la configuración de esta forma moderna de terror que podemos llamar necropolítica. La reflexión también se dirigirá a la necropolítica actual, señalando algunas características de la emergente sociedad de la enemistad. Finalmente, argumentaremos que Brasil vive actualmente el rostro de la pandemia Covid-19, otra experiencia que puede, en muchos sentidos, ser definida como necropolítica.*

PALABRAS CLAVE: *Necropolítica; Biopolítica; Sociedad enemiga; Achille Mbembe; Michel Foucault.*

Referências bibliográficas

Alves, M. A. S. (2020). Pandemia como laboratório de poder. *(Des)troços: Revista de Pensamento Radical*, 1(1): 51-62. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrosos/article/view/32801/26215>

Alves, M. A. S. (2021a). Politização da vida e guerra social: a biopolítica em Michel Foucault. In: M. A. S. Alves, I. R. Alves, D. F. G. Gangana, B. N. Lima, Z. M. O. Patente, T. C. C. Santos

- & I. C. Viana (Orgs.), *Vidamorte: biopolíticas em perspectiva* (pp. 19-42). Belo Horizonte: Dialética.
- Alves, M. A. S. (2021b). A brutalidade atual e o devir outro: resenha de “Brutalisme”, de Achille Mbembe. *Jornal de Resenhas*, 119. Recuperado de <http://www.jornalderesenhas.com.br/resenha/a-brutalidade-atual-e-o-devir-outro>
- Bensusan, H. (2020). “E daí? Todo mundo morre”: a morte depois da pandemia e a banalidade da necropolítica. *n-1 edições online*, 2020. Recuperado de <https://www.n-1edicoes.org/textos/6>
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*(Maria Ermantina Galvão, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008a). *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*(Eduardo Brandão, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008b). *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)* (Eduardo Brandão, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2009). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, trad, 19ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).
- Jourdan, C. (2020). Revolta e suicídio na necropolítica atual: para transformar o momento suicidário em momento revoltoso. *n-1 edições online*, 2020. Recuperado de <https://www.n-1edicoes.org/textos/39>
- Mbembe, A. (2003). Necropolitics (Libby Meintjes, trad.). *Public Culture*, 15(1): 11-40.
- Mbembe, A. (2010). *Sortir de la grande nuit: essai sur l'Afrique décolonisée*. Paris: La Découverte.
- Mbembe, A. (2013). *Critique de la raison nègre*. Paris: La Découverte.
- Mbembe, A. (2014). *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada* (Narrativa Traçada, trad.). Luanda: Mulemba; Mangualde: Pedagogo.
- Mbembe, A. (2016a). Necropolítica (Renata Santini, trad.). *Arte & Ensaios: Revista do PPGAV/ EBA/UFRJ*, 32: 123-151.
- Mbembe, A. (2016b). *Politiques de l'inimitié*. Paris: La Découverte.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da inimizade* (Marta Lança, trad.). Lisboa: Antígona.
- Mbembe, A. (2018a). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte* (Renata Santini, trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Mbembe, A. (2018b). *Crítica da razão negra* (Sebastião Nascimento, trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Mbembe, A. (2019a). *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada* (Fábio Ribeiro, trad.). Petrópolis: Vozes.
- Mbembe, A. (2019b). *Necropolitics* (Steven Corcoran, trad.). Durham, Londres: Duke University Press.
- Mbembe, A. (2020a). *Políticas da inimizade* (Sebastião Nascimento, trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Mbembe, A. (2020b). *Brutalisme*. Paris: La Découverte.

Marco Antônio Sousa Alves

Mbembe, A. (2020c). O direito universal à respiração (Ana Luiza Braga, trad.). *n-1 edições online*, 2020. Recuperado de <https://www.n-1edicoes.org/textos/53>

Safatle, V. (2020a). Bem-vindo ao estado suicidário. *n-1 edições online*, 2020. Recuperado de <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>

Safatle, V. (2020b). Para além da necropolítica. *n-1 edições online*, 2020. Recuperado de <https://www.n-1edicoes.org/textos/191>

Recebido: 11/05/2021

Aceito:25/05/2021

Marco Antônio Sousa Alves

marcofilosofia@ufmg.br